

REFLEXÕES DA REPRESENTAÇÃO DO/A NEGRO/A NO CONCURSO BELEZA NEGRA EM CONCEIÇÃO DO COITÉ¹

DANIEL PEREIRA CARNEIRO²

Resumo

Este estudo tem como objetivo fazer uma análise sobre quais representações sociais do negro e da negra o concurso Beleza Negra de Conceição do Coité - BA ajuda a construir. Para tanto foram realizadas entrevistas com o coordenador e estudantes participantes do concurso, que possibilitaram algumas reflexões acerca da construção e reconstrução das representações presentes no concurso. A pesquisa abordou alguns aspectos próprios da escravidão e do período pós-abolição, em seguida discorreu sobre o movimento negro brasileiro, apontou ainda algumas particularidades referentes à beleza e por último foram analisadas as entrevistas em uma abordagem na perspectiva das representações sociais. Após a análise das entrevistas foi percebido que para uns/umas candidatas/as a participação no evento possibilitou uma significativa mudança na forma de se reconhecer e ser reconhecido, entretanto outros/as participantes ainda não conseguiram assumir a sua negritude por não assimilarem o objetivo do evento.

Palavras-chave: Beleza Negra. Escravidão. Movimento negro. Representações sociais.

Abstract

This study aims to analyze what social representations about the black people in the Black Beauty contest Conceição do Coité - BA helps build. For both interviews were conducted with the coordinator and students participating in the contest, which allowed some thoughts about the construction and reconstruction of representations present in the contest. The research addressed some specific aspects of slavery and post-abolition, then spoke about the Brazilian black movement, also showed some particularities related to beauty and last interviews were analyzed in an approach in terms of social representations. After analyzing the interviews was realized that for some candidates participation in the event enabled a significant change in the way we recognize and be recognized, however other participants have yet to take their blackness not assimilate the goal of event.

Keywords: Black Beauty. Slavery. Black movement. Social representations.

O interesse em realizar esta pesquisa se deu em razão das discussões em sala de aula, durante o curso de Licenciatura em História na Universidade do Estado da Bahia, acerca da necessidade de se desconstruir a imagem do negro e da negra construída no Brasil desde o período colonial. Tendo conhecimento da realização anual do evento Beleza Negra em Conceição do Coité, que ocorre desde o ano de 2002, nasceu o anseio em desenvolver o estudo com a finalidade de fazer uma análise sobre quais

¹ Trabalho de Conclusão de Curso do curso de Licenciatura em História da Universidade do Estado da Bahia, realizado sob a orientação do professor Augusto César de Araujo.

² Estudante do curso de Licenciatura em História da Universidade do Estado da Bahia-UNEB, Departamento de Educação Campus XIV, Email: danielpereirahistoria@hotmail.com.

representações sociais do negro e da negra o concurso Beleza Negra de Conceição do Coité ajuda a construir. Para tanto este estudo tomou como referência o período de 2002 a 2010.

Como o/a negro/a está representado no concurso Beleza Negra realizado em Conceição do Coité? Esta foi a problemática levantada. E, para responder à questão e alcançar o objetivo da pesquisa, foram analisadas as entrevistas realizadas com o coordenador e organizador do evento, bem como com estudantes participantes do mesmo. Foi feita também uma leitura do projeto Consciência Negra que norteia o evento, a fim de perceber a dinâmica e os valores constantes no texto.

Para a realização das entrevistas foi elaborado um questionário para o coordenador e outro para os/as estudantes participantes. Ao coordenador foram levantadas as seguintes questões: Como surgiu a ideia de organizar o concurso Beleza Negra? Com qual objetivo foi pensado o concurso? Para você o que é beleza negra? Em sua opinião, o objetivo do evento está sendo alcançado? Para você como o negro deve ser representado no evento? Existe um modelo de representação almejado por você? Para os participantes as questões levantadas foram: Enquanto candidato qual a sua perspectiva em relação ao concurso Beleza Negra? Você sabe qual é o objetivo do evento Beleza Negra? E qual o seu objetivo em relação ao evento? Para você o que é beleza negra? Você acha que o objetivo do evento Beleza Negra foi alcançado? Porque?

Para o desenvolvimento da pesquisa foram abordados alguns aspectos próprios do período escravista, ou melhor, foi feita uma exposição sobre a situação do povo negro no Brasil durante o período escravista até o pós-abolição. Em seguida discorreu-se sobre as lutas e estratégias implementadas pelo movimento negro que em muito colaborou para transformação das representações negativas criadas sobre o povo afro-descendente, elemento que muito contribuiu para criação de estigmas e estereótipos sobre a população negra durante e após a escravidão. Neste estudo discutiu-se ainda algumas questões relacionadas à beleza: elemento cultural, permeado pela subjetividade. Por fim foram realizadas as análises com base nas entrevistas. A pesquisa contou com a contribuição de autores como: Serge Moscovici (2003), Romilson da Silva Souza (2011), Denise Jodelet (2001) e Patrícia de Santana Pinho (2004), entre outros.

O(A) negro(a) no Brasil: uma difícil trajetória em busca de cidadania

A escravidão no Brasil se consolidou como uma experiência de longa duração que marcou diversos aspectos culturais e sociais no país. Mais que uma simples relação de trabalho, a existência da mão de obra escrava africana fixou um conjunto de valores na sociedade brasileira. Nesta trajetória a ocorrência do preconceito racial e social foi e ainda é uma realidade no Brasil. Partindo desta premissa, no livro *Encruzilhadas da Liberdade*, Walter Fraga Filho (2006) faz a seguinte reflexão: “a escravidão foi muito mais que um sistema econômico; ela moldou condutas, definiu hierarquias sociais e raciais, forjou sentimentos, valores e etiquetas de mando e obediência” (p. 26).

A presença dos africanos trazidos para o Brasil através do sistema escravista, praticado pelos europeus, é um dado histórico carregado de drama e de dor, mas também de luta e resistência. De acordo com Munanga Kabengele e Nilma Lino Gomes (2006), os africanos em suas terras de origem eram seres livres que, em terras brasileiras, foram destituídos de sua humanidade, tratados apenas como “força animal de trabalho, coisas, mercadorias ou objetos que podiam ser comprados e vendidos; fontes de riqueza para os traficantes (vendedores) e investimentos em “máquinas animais” de trabalho para os compradores (senhores de engenhos)” (p.15-16).

Uma vez em terras brasileiras, os negros escravizados, que durante muito tempo foram a principal força de trabalho capaz de sustentar a economia do país, depois de atravessar fronteiras, ultrapassar seus limites, suas histórias e suas culturas, sofreram humilhações, castigos, violações e violências. Entretanto é importante não perder de vista que a história da trajetória do povo escravizado não é apenas aquela que a historiografia por muito tempo apresentou: o negro aparentemente passivo, submisso, vítima que aceitou as imposições do sistema escravista sem se revoltar. João José Reis e Eduardo Silva (1989) em *Negociação e Conflito: a resistência negra no Brasil escravista* discutem as limitações dos estudos que vêem a escravidão como um sistema absolutamente rígido, quase um campo de concentração, em que o escravo aparece como vítima igualmente absoluta. Na obra os autores colocam que

A imensa massa populacional que se transferiu do continente africano para a colônia portuguesa não pode ser analisada apenas como “força de trabalho” e, por isso, muitos historiadores, hoje, procuram discernir os caminhos, nem simples nem óbvios, através dos quais os escravos fizeram história (REIS e SILVA, 1989, p. 13).

Neste sentido, Reis e Silva (1989) acrescentam que “os escravos não foram vítimas nem heróis o tempo todo” (p. 7), na maior parte do tempo vivenciaram uma

situação de indefinição entre um pólo e outro, pois “o escravo aparentemente acomodado e até submisso de um dia podia tornar-se o rebelde do dia seguinte, a depender da oportunidade e das circunstâncias” (p. 7). Dessa forma entende-se que o povo escravizado, durante toda sua trajetória, lutou de diversas formas pelo reconhecimento coletivo e individual e pelo pleno exercício de seus direitos.

Apesar de a escravidão ter se tornado uma prática usual, é importante não esquecer as várias modalidades de resistências que aconteceram naquele contexto. O conflito direto, as fugas e a formação de quilombos foram as mais significativas formas de resistência praticadas pelos escravos. Contudo essas não eram as únicas maneiras de resistir: a preservação de manifestações religiosas, certos traços da culinária africana, a capoeira, o suicídio e o aborto eram outras vias de luta contra a escravidão. Nesta mesma linha de pensamento Stuart Schwartz (2001) em seu livro *Escravos, roceiros e rebeldes*, tratando sobre a resistência escrava na colônia, expõe que

Nas Américas, onde quer que a escravidão fosse instituição básica, a resistência dos escravos, o medo das rebeliões de escravos e o problema dos escravos fugitivos atormentava os colonos e os administradores coloniais. Essa resistência assumia inúmeras formas e era expressa de diversas maneiras... No Brasil, os exemplos mais drásticos de atos coletivos foram as inúmeras rebeliões de escravos ocorridas no início do século XIX na Bahia, porém rebeliões como a dos malés, em 1835, foram episódios verdadeiramente extraordinários (SCHWARTZ, 2001, p. 219).

Ao que tudo indica, a aparente passividade dos escravizados não foi uma realidade. Algumas narrativas historiográficas apresentam um processo de colonização cujos conflitos são quase inexistentes, dando pouco ou nenhum destaque à resistência negra ao trabalho escravo, levando à compreensão de que a escravidão foi um processo bem aceito e assimilado pelos africanos. As fugas e a posterior formação de quilombos foram práticas constantes por parte dos escravos, que se rebelavam contra os seus senhores e o regime opressor desde os primórdios da colonização. Porém, Reis e Silva (1989) alertam que o sistema escravista não funcionou e se reproduziu apenas através da força, “o combate a autonomia e indisciplina escrava, no trabalho e fora dele, se fez através de uma combinação da violência com a negociação, do chicote com a recompensa” (p. 32).

Ainda conforme Reis e Silva (1989), os escravos também se utilizaram de estratégias pacíficas para enfrentar seus senhores, que não fosse a força e a violência

individual ou coletiva. Ou seja, “as revoltas, a formação de quilombos e sua defesa, a violência pessoal, conviveram com estratégias ou tecnologias pacíficas de resistência” (p. 32), como a exemplo da prática de “pequenos atos de desobediência, manipulação pessoal, e autonomia cultural”. (p. 32). Na realidade, por seu caráter opressor o sistema escravista não possibilitava a vivência de uma paz verdadeira, o cotidiano que se apresentava era como uma espécie de guerra. Uma guerra que, no entender de Reis e Silva, “tanto escravos quanto senhores buscavam ocupar posições de força a partir das quais pudessem ganhar com mais facilidade suas pequenas batalhas (p. 32-33).

Outra face sobre a escravidão, apresentada por Stuart Schwartz (2001) e Walter Fraga (2006), é a do cativo que vivia nas fazendas e engenhos do recôncavo baiano que, além de receber remuneração dos seus senhores pelas atividades da cana de açúcar, também podia oferecer seus serviços a outros engenhos em dias de folga, visando obter uma renda extra, como também exercer atividades diversas fora dos canaviais para o próprio sustento, “além do trabalho no ganho, na criação, caça e pesca, os escravos podiam produzir a própria subsistência” (FRAGA FILHO, p. 42). Vale esclarecer que esta permissão não pode ser entendida como um ato de generosidade por parte dos senhores, uma vez que a realização destas atividades pelos escravos acabava por se tornar uma vantagem para os fazendeiros, “pois diminuía os gastos com a subsistência e mantinham os cativos ligados às propriedades” (p. 42).

Como expõe Walter Fraga (2006), o sistema escravista imprimiu “novos significados e expectativas de liberdade” (p. 27). A execução de atividades alternativas, “além de ampliar o acesso a bens que não estavam incluídos nas recompensas feitas pelos senhores, as atividades independentes poderiam abrir possibilidades de alcançar a alforria” (p. 40-41). Fraga cita o exemplo de uma escrava que foi acusada de roubar uma carteira porque, após o sumiço da última, a escrava comprou sua alforria. A mesma teve que se explicar perante as autoridades policiais e “informou que o dinheiro gasto na alforria era produto de “seus negócios”, de três cabeças de gado e algumas ovelhas vendidas ao próprio senhor” (p. 41).

Após a Independência do Brasil, observa-se a permanência do sistema escravista. Neste contexto a mão de obra escrava continuava a ser ainda a principal força de trabalho como forma de sustentar a economia do país, pois os interesses dos grandes proprietários não podiam ser contrariados, permitindo-se assim a preservação da escravidão. Somente a partir do Segundo Reinado foi possível perceber a formação de correntes em prol da abolição: a ascensão do abolicionismo, o interesse da Inglaterra

em busca de novos mercados visando a expansão do capitalismo e a imigração de trabalhadores europeus contribuíram para o fim da escravidão no Brasil. Além do mais, de acordo com Walter Fraga Filho (2006), a crise financeira que atingiu a lavoura açucareira por volta de 1870 e se estendeu até fins do século XIX, foi agravada pela “extinção do tráfico africano, em 1850, e das sucessivas leis emancipacionistas das décadas de 1870 e 1880” (p. 31). Estas ocorrências deram as bases para se desenhar um novo quadro sobre o sistema escravista.

Naquele momento o Brasil já contava com um grande número de cativos livres ou libertos. Com a fragilidade do sistema escravista, conforme Walter Fraga (2006), o movimento abolicionista ganha força nas ruas, entre a população e até algumas autoridades passam a simpatizar com a ideia de libertação dos negros cativos. E mais, naquele contexto os próprios cativos, antevendo a possibilidade do fim da escravidão, procuravam se informar e se articular. Fraga coloca que, “na década de 1880, as freguesias açucareiras estavam inseridas num amplo circuito de comunicações que iam muito além das fronteiras do Recôncavo” (p.100), colaborando assim para que as notícias abolicionistas chegassem mais facilmente até os cativos.

Walter Fraga (2006) coloca que, com a proximidade do fim da escravidão, percebendo que “já não era mais possível defender abertamente” (p.109) o sistema escravista e entendendo que o mais “importante era assegurar que a “transição” para o trabalho livre fosse feita gradualmente e pela classe senhorial” (p. 109), alguns senhores de engenhos concederam alforria coletiva aos cativos que ainda se encontravam sob seus domínios. Porém esta atitude não representou um ato de humanidade, pois tratava-se apenas de uma estratégia política destes senhores a fim de poderem contar com a gratidão dos recém libertos e visando assegurar a estabilidade econômica dos seus engenhos. Os últimos momentos que antecederam o fim da escravidão foram carregados de muitos conflitos e tensões.

No contexto pós-abolição a Lei Áurea, que deu a liberdade jurídica aos escravos, não garantiu a estes um lugar na sociedade. O Estado brasileiro não se preparou para oferecer condições mínimas para que os ex-escravos pudessem sobreviver, de modo que a vida dos negros continuou difícil. Sem moradia, sem condições econômicas e sem a assistência do Estado, tiveram ainda que enfrentar o preconceito e a discriminação racial. Sobre o contexto pós-abolição, Sales Augusto dos Santos (2005) coloca que

A abolição da escravatura no Brasil não livrou os ex-escravos e/ou afro-brasileiros da discriminação racial e das conseqüências nefastas

desta, como a exclusão social e a miséria. A discriminação racial que estava subsumida na escravidão emerge, após a abolição, transpondo-se ao primeiro plano de opressão contra os negros (SANTOS, 2005, p. 21).

Nesta perspectiva, Sales Augusto dos Santos (2005) acrescenta que desassistidos socialmente e economicamente “os ex-escravos perceberam que a luta pela liberdade fora apenas o primeiro passo para a obtenção da igualdade” (p. 21), ou melhor, os negros entenderam a necessidade de criar estratégias de lutas que possibilitassem a sua ascensão na sociedade brasileira, visando a superação da condição de excluídos na qual se encontravam.

Alimentada pela ideologia da democracia racial, a elite branca dominante brasileira forjou estratégias que levaram ao desenvolvimento de uma hierarquia social, com a consequência da invisibilidade social e histórica da população afro-descendente. No decorrer do século XX pouco foi feito em benefício da população negra com a finalidade de mudar a situação social e econômica a que estava relegada. Nesse sentido Eliane Cavalleiro (2006) destaca que “durante quase todo o século XX, quando se operou a expansão do capitalismo brasileiro, nada de realmente relevante foi feito em termos de uma legislação para a promoção da cidadania plena da população negra” (p. 15). Depois do fim do cativeiro, foi intensificada a repressão policial e o preconceito em relação aos indivíduos egressos da escravidão. Fraga Filho (2006) diz que o ex-escravo tornou-se presa fácil nas ruas, pois um ex-escravo encontrado longe da sua localidade de origem era considerado um estranho, podendo ser preso como “suspeito” ou “vagabundo”.

Os escravos egressos da escravidão desenvolveram estratégias, mobilizaram recursos e criaram situações que impossibilitavam o retorno às formas de dominação vigentes no passado escravista. Os estudos deixam evidente que em muitos momentos, os ex-escravos tiveram que se esforçar bastante para se afirmar como pessoas livres e, principalmente, para lutar contra a presunção de que ainda poderiam ser tratados segundo os padrões escravistas. Assim, o antigo escravo que resistiu ao sistema escravista procurava, agora livre dele, lutar pelo seu lugar na sociedade. E ao longo da história movimentos sociais articulados se organizaram fazendo surgir manifestações de reivindicações e propostas de igualdade de direitos nos diversos setores da sociedade.

O movimento negro brasileiro e as estratégias de lutas pela afirmação da identidade

Com a libertação oficial instituída pela Lei Áurea, as negras e os negros brasileiros, após a abolição, tiveram que implementar um longo e árduo processo de construção de igualdade e de acesso aos diversos setores sociais. É nesse contexto que surgem vários movimentos sociais para lutar contra a discriminação racial e a favor dos direitos sociais, políticos, econômicos e culturais do povo negro; movimentos esses que ficaram conhecidos como movimento negro brasileiro, que conforme Ana Célia da Silva (2002) pode ser assim considerado:

todas as entidades ou indivíduos que lutaram e lutam pela sua liberdade desenvolvem estratégias de ocupação de espaços e territórios, denunciam, reivindicam e desenvolvem ações concretas para a sua conquista dos direitos fundamentais na sociedade” (SILVA, 2002, p. 140).

Surgida nas primeiras décadas do pós-abolição, a imprensa negra é um exemplo de organização representativa e atuante dos anseios da população negra no Brasil. “A imprensa foi o primeiro veículo construído para as denúncias e reivindicações, como porta-voz de grupos que se organizavam” (SILVA, 2002, p.142). É interessante destacar que o movimento negro, em seu histórico de lutas e reivindicações, muito se esforçou “para instituir uma educação que contemple o processo civilizatório e desenvolva a identidade e auto-estima negra” (SILVA, 2002, p.140). Segundo Jaci Maria Ferraz de Menezes (2009) a construção da identidade é

um processo político de construção de um *elo* entre pessoas no sentido de formar um *grupo de solidariedade*, no qual os mesmos se sentem incluídos, num processo de afirmar-se como pessoa, diferente mas igualmente ente político, interlocutor de um “outro”(MENEZES, 2009, p. 57 grifo da autora).

Para o movimento negro, a escola representava um meio de o povo negro ascender-se socialmente. A imprensa através dos jornais, como o Jornal Quilombo, dirigido pelo intelectual e militante negro Abdias do Nascimento, “já indicava a necessidade de educação formal para os negros como uma condição necessária à superação da exclusão sócio-racial a que estavam submetidos” (SANTOS, 2005, p. 22). O movimento negro no século XX ganhou força com o surgimento de várias células de resistência, como a imprensa negra paulista, a Frente Negra Brasileira, fundada em 1931 e que em sua filosofia educacional acreditava que o negro venceria à medida que conseguisse firmar-se nos diversos níveis da ciência, das artes e da literatura. Conforme

Ana Célia da Silva (2002), esta organização foi considerada uma das mais importantes entidades negras que lutou contra a discriminação do povo negro no mercado de trabalho. Tornou-se partido político, com repercussão em vários Estados brasileiros, mas com o advento do Estado Novo esta entidade é dissolvida e no período da redemocratização foi considerada ilegal.

Ana Célia da Silva (2002) aponta que a Frente Negra atuou também na Bahia, sob a denominação de Frente Negra Baiana. Esta entidade preocupou-se com a inserção do povo negro no meio social e educacional e foi importante, entre outras razões, porque de certo modo colaborou para desmontar o ideal do mito da igualdade racial, uma vez que “a discriminação existia, independente do gradiente de cor e de classe social a que os negros pertenciam, bem como o mito da integração, pela dificuldade do branco em conviver e respeitar o negro em pé de igualdade de condições” (BACELAR, 1996, p. 96 apud SILVA, 2002, p. 144).

Com a dissolução da Frente Negra Brasileira na época da Ditadura Militar, o movimento negro não parou, surgindo outras dissidências. Ana Célia da Silva (2002), afirma que, seguindo a rota da “*Frente Negra*”, no ano de 1944 surge no Rio de Janeiro o Teatro Experimental do Negro, o TEN. Esta organização, fundada por Abdias Nascimento, implementou ações visando a valorização do negro nos âmbitos sócio-cultural, educacional, político, econômico e artístico, além de ampliar relações internacionais com a África e a Europa e ainda utilizar a arte como uma estratégia de denúncia, reivindicação e mobilização política. É importante ressaltar que esta entidade não significava apenas um grupo de atrizes e atores negros que queriam representar, ela se constituía em

uma frente de luta, um pólo de cultura que tinha como objetivo a libertação cultural do povo negro. Ele queria dar uma leitura a partir do olhar do próprio negro e da herança africana à cultura produzida pelo negro no Brasil, distanciando-se da forma ocidental de entender e ver a cultura negra (MUNANGA e GOMES, 2006, p. 94).

Muitas entidades negras funcionaram como pano de fundo e muito colaboraram no processo de construção da identidade e cidadania do povo negro. No contexto do movimento negro brasileiro não deve esquecer-se do papel assumido pelas mulheres negras e suas organizações. De acordo com Munanga e Gomes (2006), de um modo geral o Movimento das Mulheres Negras procurou articular raça e gênero dentro das relações étnico-raciais na sociedade brasileira. Munanga e Gomes colocam que apesar

dos avanços e transformações ocorridos nas condições de vida e no papel das mulheres no mundo e no Brasil, as condições dessas ainda precisam melhorar em muito, uma vez que “a mulher negra continua vivendo uma situação marcada pela dupla discriminação: ser mulher em uma sociedade machista e ser negra numa sociedade racista” (p. 101).

Munanga e Gomes (2006) expõem que, por se sentirem excluídas das discussões em geral, as mulheres negras passaram a questionar sobre a ausência da discussão de gênero articulada com a questão racial. Devido a esta realidade, elas se organizaram e hoje podem contar com diversos tipos de entidades em vários lugares do território brasileiro, com tendências, concepções políticas e atuações distintas. Compreende-se assim, que as mulheres negras vêm construindo uma trajetória de muitas lutas na tentativa de se firmar enquanto sujeito social com importância e representação na construção da história do país.

Em Salvador, no início dos anos 70, é criado o “Núcleo Cultural Afro Brasileiro” e, a partir dele, o “Grupo Malé Cultura e Arte”, o qual vendia livros que falavam sobre a cultura negra. Existiram outros grupos, contudo houve um que provocou maiores reações e foi “o grande detonador da efervescência cultural na Bahia foi a criação, em 01 de novembro de 1974, do bloco que iria definir as ações do Movimento Negro, o “Ilê Aiyê”” (SILVA, 2002, p.146). Este grupo apropriou-se do lúdico para, através do canto, da dança e do vestuário, “brigar brincando”, além de lutar pela “afirmação da consciência de ser negro, a busca da historicidade para definir identidade e de (re) descoberta e valorização do jeito negro de ser” (ROBSON, 1996, p. 107 apud SILVA, 2002, p. 147).

Com o fim das proibições e vigilâncias determinadas pelo regime militar, outros movimentos ressurgiram pelo país. O MNUCDR – Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial, posteriormente denominado de Movimento Negro Unificado, foi criado como “reação à discriminação de quatro atletas negros pelo clube Tietê, de São Paulo e à tortura e assassinato do operário negro Robson Silveira da Luz” (SILVA, 2002, p. 148). A partir de então levantou-se discussões sobre o racismo e discriminação racial em diversas instituições, como a igreja, os partidos políticos, sindicatos e escolas brasileiras. Segundo Ana Célia da Silva (2002), “as ações do Movimento Negro têm contribuído, em grande parte, para uma reflexão na sociedade em relação aos reais determinantes de exclusão das populações afro-descendentes” (p. 149). Para tanto, o Movimento Negro procurou diversificar as suas formas de atuação, implementando reivindicações junto ao poder público.

O Brasil na contemporaneidade tem participado do crescente debate em torno das políticas de promoção da igualdade das relações étnico-raciais. Debate esse que ganhou impulso a partir da assinatura do Plano de Ação contra o racismo, a discriminação racial, a xenofobia e intolerâncias correlatas, resultado da conferência realizada em Durban, na África do Sul, em 2001, onde o Brasil reconheceu a existência do racismo e suas conseqüências, comprometendo-se a adotar políticas de ações afirmativas. Em decorrência desta política, em 09 de janeiro de 2003 é sancionada a Lei 10.639/03, que surgiu em resposta à reivindicações históricas de pessoas e grupos ligados ao movimento social negro.

Augusto Sales dos Santos (2005), em artigo que trata sobre diversas Leis municipais e estaduais com o objetivo de incluir o povo negro e sua história na educação escolar, coloca que a Lei 10.639/03 alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (a LDB 9394/96 de 20 de dezembro de 1996) e estabeleceu a obrigatoriedade nas escolas públicas e privadas do ensino da História e Cultura Afro-Brasileira. A Lei 10.639/03 também determina que as escolas devem incluir em seus currículos “o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política” (p.32-33). A Lei determina ainda a inclusão no calendário escolar do dia 20 de novembro como “Dia Nacional da Consciência Negra”.

Os movimentos sociais negros, aqui citados ou não, possuem uma trajetória muito interessante e específica, no sentido de que suas reivindicações, proposições e estratégias de ação política na luta anti-racista, têm se constituído em inflexões importantes na história do Brasil e na maneira como se tem pensado a identidade nacional, bem como as delicadas questões de cunho étnico-racial na constituição histórica social e cultural brasileira. A luta anti-racista busca ainda desconstruir os símbolos de representação que limitam o ideal do corpo negro, construídos ao longo da história, como a escravidão, valores negativos como a feiúra e a preguiça, que estigmatizam as pessoas que se identificam como negras. Neste sentido, conforme Patrícia de Santana Pinho (2004), grupos étnicos têm procurado “substituir imagens negativas por positivas, associando-as ao corpo negro, colaborando para criar representações de identidades cada vez mais estetizadas” (p. 82).

De acordo com Nilma Lino Gomes (s/d) o corpo e cabelo crespo do negro são fortes ícones representativos da identidade negra. Segundo a autora, a relação histórica

do escravo com o corpo se transpôs, foi além e significou muito mais que um ato de submissão, significou antes de tudo um corpo contestador. Pois em um ambiente de castigos e maus tratos “a manipulação do corpo, as danças, os cultos, os penteados, as tranças, a capoeira, o uso de ervas medicinais para cura de doenças e cicatrização das feridas deixadas pelos açoites foram maneiras específicas e libertadoras de trabalhar o corpo” (GOMES, s/n). A autora afirma que

Durante séculos de escravidão, a perversidade do regime escravista materializou-se na forma como o corpo negro era visto e tratado. A diferença impressa nesse mesmo corpo pela cor da pele e pelos demais sinais diacríticos serviu como mais um argumento para justificar a colonização e encobrir intencionalidades econômicas e políticas. Foi a comparação dos sinais do corpo negro (como o nariz, a boca, a cor da pele e o tipo do cabelo) com os do branco europeu e colonizador que, naquele contexto, serviu de argumento para a formulação de um padrão de beleza e de fealdade que nos persegue até os dias atuais (GOMES, s/d. s/n).

Diante das questões discutidas acerca do movimento negro pode-se afirmar que ao longo do processo histórico brasileiro, homens e mulheres negros/as sempre lutaram e resistiram a toda forma de opressão, discriminação política e cultural.

Beleza: uma discussão sobre sua representação

As mudanças dos padrões corporais, as maneiras de tratar o corpo e o cuidado com a aparência ao longo do tempo são conseqüências das transformações dos conceitos relacionados à beleza, construídos e reconstruídos pelas experiências históricas e sociais dos indivíduos. Segundo Rosana Schwartz (s/d), a lógica que envolve a concepção de beleza e imagem corporal “relaciona-se à história, culturas locais e globais, relações de poder, às imagens, às representações, aos simbolismos, subjetividades e aos padrões naturais e construídos pelo homem em seu cotidiano” (s/n). A autora acredita que “cada cultura constrói sua imagem de corpo e de beleza” (s/n), além de também construir padrões que se modificam conforme o momento histórico, atendendo a diferentes interesses “políticos, econômicos, sociais, científicos entre outros. Esses padrões se instituem em maneiras próprias de ver e de viver o corpo” (s/n).

Para Patrícia de Santana Pinho (2004) o padrão de beleza branca dominante e ideal no Brasil, herdado da Europa, sugere um modelo de beleza hierarquizado, de modo “que coloca cabelos louros e olhos azuis no topo, como elementos muito raros e supervalorizados” (p. 120). Para esta autora, a beleza não se trata de algo que provém

dos objetos, lugares ou pessoas, “a beleza assim como a sua contraparte, a feirúra, só existe no interior da cultura e a partir da produção de significados” (p. 121). Para Pinho a beleza por um lado dignifica, promove e eleva o “belo”, porém seguindo o caminho inverso, a beleza também exclui, humilha e subjuga o “feio”.

Rosana Schwartz (s/d) afirma que no dia a dia os corpos são avaliados e reavaliados continuamente, este é um processo praticado pelos indivíduos desde a infância, não só para com seu próprio corpo, mas também com o corpo do outro através da interação ambiente e da mídia. De forma sutil as pessoas são levadas a cultivar o modelo de “corpo ideal”, considerado perfeito conforme o momento histórico. Sendo assim, Rosana Schwartz entende que “a beleza é uma criação sociocultural e no corpo se inscrevem ideias, crenças, culturas e as imagens que se fazem dele” (s/n). Rosana afirma ainda que as pessoas que não possuem um corpo de acordo com o padrão idealizado “sofrem muito para serem incluídas no social, processo de impacto extremamente negativo que afeta a auto-imagem dos sujeitos” (s/n), podendo afetar também a auto-estima. Historicamente, a partir de um processo de branqueamento, o padrão de beleza passa pela preferência por um modelo branco, então almejado pela grande maioria, em detrimento da valorização da beleza relativa ao povo negro, tida assim como diferente e feia. Neste sentido Ivanilde Mattos (2007) considera que,

Ao perceber os corpos negros para além do que o padrão dominante julga como civilizado, belo e cidadão, vejo como a representação corporal torna-se um atributo pelo qual o sujeito negro é imediatamente avaliado. Há juízo de valor internalizado historicamente sobre as pessoas de pele mais escura associado a tudo que é negativo (MATTOS, 2007, p. 50).

Refletindo sobre a relação entre representação e identificação corporal e considerando a compreensão de representação a partir de normas e padrões sociais pré-estabelecidos como positivo, Ivanilde Mattos (2007) afirma que ser negro no Brasil é uma construção social que envolve grande complexidade, pois, apesar do grupo de jovens negros - sujeitos da sua pesquisa - lidar de forma tranqüila com a sua negritude, no coletivo, a representação social que se faz presente não é uma representação social positiva, isso “porque os negros são vistos socialmente como sujos, são confundidos com ladrões ou assaltantes” (p.52). A autora afirma que essa situação coloca o negro em uma condição desfavorável, dificultando muitas vezes a inserção desses sujeitos em determinados espaços sociais.

Partindo dos efeitos que as representações negativas provocam na população negra, compreende-se porque muitas destas pessoas procuram construir uma imagem de si próxima daquela considerada positiva. Sabe-se que as representações negativas relativas ao corpo negro têm sua origem no período colonial e ainda permanecem no Brasil de hoje, pois “as classes dominantes dos senhores, para quem os escravos eram tidos como animais de carga divulgaram a imagem dos negros em associação com a sujeira e o mau cheiro” (PINHO, 2004, p. 114).

Assim é possível entender porque muitos negros, através da manipulação da aparência e induzidos ou talvez seduzidos pelos ideais de embranquecimento da população brasileira, acabam se auto-rejeitando. Pinho (2004) esclarece que “o desejo de embranquecer a aparência, controlando a negritude do corpo, indica a necessidade de ser aceito por uma sociedade permeada por valores eurocêntricos” (p.118). A autora coloca que a década de 70 foi responsável por mudanças fundamentais, que passaram a acontecer no Brasil e no mundo, relacionadas à estética negra que levou à reinvenção da negritude e à valorização de sua própria beleza.

É nesse contexto que na Bahia é criado, por um grupo de negros impedidos de participarem de um bloco carnavalesco, o próprio bloco denominado Ilê Aiyê, no ano de 1974, com a participação exclusiva de “pessoas de pele escura”. Pinho (2004) coloca que “o primeiro bloco afro de Salvador inicia uma profunda renovação estética da cidade e de seus habitantes” (p. 122). A autora acrescenta ainda que

A construção da identidade étnica desenvolvida nos blocos afro, através de suas narrativas de africanidade e representações de negritude, relaciona-se inteiramente com as suas estratégias de promoção social, revelando a inerência entre a *teoria e a prática*, e entre a *cultura e a política* existente nos movimentos sociais. Situados no contexto da pós-modernidade, estes novos movimentos baseiam-se principalmente na identidade cultural, a partir da qual se constrói uma solidariedade fundamentada no sentido da particularidade étnica. Nesse contexto, o corpo negro ocupa um papel central, justificando a importância do significado das roupas, penteados, adornos e outros tantos adereços considerados “afro” para os movimentos que giram em torno das identidades negras (PINHO, 2004, p. 123 grifos da autora).

Os blocos afros na Bahia a exemplo do Ilê Aiyê e o Olodum, com o objetivo de promover o negro, procuraram ir além do lúdico, da festa, e buscaram desenvolver estratégias de ação social. E tendo como foco a mulher negra baiana, o bloco Ilê Aiyê realiza também no mês de janeiro um evento denominado a Festa da Beleza Negra, com

a finalidade de elevar a auto-estima da mulher negra, dissociando sua “imagem do mito da “mulata dengosa”, aquela que sempre estaria disposta a servir o homem branco na mesa e na cama” (PINHO, 2004, p. 143)

Como pode-se perceber a criação de novas imagens da população negra tem representado uma grande preocupação para os movimentos sociais organizados. Pinho (2004) coloca que “é inegável a importância das organizações negras da Bahia como produtoras de novas representações do negro” (p. 134). A autora acrescenta ainda que nas representações estão impressos elementos essenciais “para a construção das identidades culturais em torno das quais operam os movimentos sociais” (p. 134). Sendo assim faz-se oportuno conhecer um pouco sobre o evento Beleza Negra, que acontece na cidade de Conceição do Coité – BA, e qual a representação do/a negro/a presente no mesmo. Ressalvando que a pesquisa analisou o período de 2002, ano de realização do primeiro concurso, até o ano de 2010.

Concurso Beleza Negra em Conceição do Coité

O concurso Beleza Negra³ que acontece em Conceição do Coité na Bahia faz parte de um projeto denominado Consciência Negra, cujo objetivo é refletir a pluralidade étnica brasileira através da cultura negra, estimulando a auto-estima dos afro-descendentes e possibilitando a estes a percepção dos “verdadeiros valores” que possuem sem, assim, entender-se como inferiores ou excluídos. Esse projeto foi desenvolvido no ano de 2002, quando pela primeira vez foi realizado o concurso Beleza Negra, a partir de então o evento passou a acontecer todos os anos sempre no mês de novembro, próximo aos dias que antecedem o 20 de novembro, considerado dia da Consciência Negra pela Lei 10.639/03.

~~O projeto Consciência Negra, além da promoção do concurso Beleza Negra, promove também, nas instituições de ensino público e privado durante o mês de outubro, “discussões, debates, exposições, oficinas de criação e arte e/ou palestras que tratem da importância do negro para a sociedade do século XXI”. Nesse mesmo período as escolas deverão promover a escolha de um casal afro-descendente com o objetivo de participar do concurso Beleza Negra. Os/as candidatos/as deverão ter idade maior que treze anos, traços tipicamente negros e deverão também aceitar a negritude como sua personalidade. Os casais selecionados pelas escolas serão preparados pela organização~~

³ Informações retiradas do projeto Consciência Negra que deu origem ao concurso Beleza Negra.

do evento para que no dia da apresentação estejam prontos para “a divulgação da identidade do negro, desde os costumes escravos até a participação atual nos diversos setores sociais”. O Beleza Negra acontece em um dos espaços de cultura e lazer da cidade, o qual deve ser ornamentado com adereços típicos afro-descendentes.

A noite da Beleza Negra de Conceição do Coité que escolhe a Garota e o Garoto Beleza Negra é embalada por ritmos musicais que abordam temas associados ao corpo, ao cabelo negro e ao preconceito. O evento elege os seguintes critérios: desenvoltura na passarela; caracterização física afro-descendente simpatia e adequação ao traje que é igual para todos. A comissão julgadora elege três garotas e três garotos, sendo que desses, apenas um casal será o representante do/da Beleza Negra, durante um ano. A comissão elege ainda um casal simpatia. O concurso tem início com apresentações de grupos de dança afro, capoeira, teatro, leituras de textos, recitais de poemas. Suas atividades incluem ainda uma breve discussão sobre a temática consciência negra. A organização do evento estabelece como regra que a comissão julgadora composta por cinco jurados sejam formadas por pessoas envolvidas com a causa do negro nos dias atuais.

Representações sociais: uma reflexão sobre a representação da negra e do negro no concurso Beleza Negra em Conceição do Coité

Partindo do ponto de que as análises e reflexões seguirão o viés das representações sociais, é importante apontar algumas de suas especificidades. Tomando por base os estudos de Serge Moscovici (2003), sob a ótica da história e da antropologia, o autor considera representações sociais como um termo bastante complexo para que se possa atribuir um significado único, mas afirma que “representações são entidades sociais, com uma vida própria, comunicando-se entre elas, opondo-se mutuamente e mudando em harmonia com o curso da vida; esvaindo-se, apenas para emergir novamente sob novas aparências” (p. 38).

Nesta perspectiva compreende-se que o processo histórico de escravização de negros/as no Brasil e seus desdobramentos fizeram com que estereótipos fossem criados em torno do jeito de ser negro/a. Os estereótipos são constantemente reconstruídos e reproduzidos nos diversos espaços sociais. O corpo e o cabelo são elementos de atribuição de valores e significados e, ao longo da história, diferentes representações simbólicas foram a eles conferidos.

Ao analisar as entrevistas, ficou evidente que o anseio dos/as participantes dialoga com o objetivo proposto no projeto Consciência Negra que promove o evento Beleza Negra. Este evento tem como objetivo a valorização da “cultura negra” e do próprio indivíduo enquanto representante de uma parcela da sociedade coiteense de cor negra, através da recriação e reconstrução de representações que foram historicamente construídas, como mostra a fala de um dos entrevistados.

... o primeiro objetivo era tentar desfazer alguns mal-entendidos a respeito dos estereótipos de beleza do país... a atenção maior é valorizar o negro brasileiro, então nós queríamos, por exemplo, desfazer alguns estereótipos que diziam que usar o cabelo com dread seria algo que afrontaria a beleza, dizer que o negro veste roupas extremamente coloridas e muito chamativas, que isso é feio... (participante, sexo masculino).

... eu acredito que o objetivo seja esse de passar pra sociedade... pra tentar fazer a sociedade aceitar o negro na sociedade e deixar esse pensamento racista (participante, sexo masculino).

Diante do propósito deste evento e do anseio dos/as candidatos/as, torna-se interessante expor mais uma vez o pensamento de Serge Moscovici (2003) quando ele afirma que uma vez criadas, as representações ganham vida própria, se propagam e se renovam, oportunizando o surgimento de novas representações. Neste contexto é pertinente dar voz aos sujeitos da pesquisa.

... é pouca as oportunidades que a gente tem de ir prá algum lugar desfilar, representar a nossa cor, e o evento possibilita essa oportunidade prá gente negros demonstrar o nosso valor (participante, sexo masculino).

...em relação ao beleza negra foi totalmente ao contrário da minha perspectiva porque quando eu era candidata eu não imaginava que isso fosse mudar tanto a minha vida... a minha etnia, a minha identidade, o meu valor verdadeiro veio do beleza negra (participante, sexo feminino).

Na perspectiva de que o evento Beleza Negra em Conceição do Coité é um espaço que possibilita e oportuniza a reelaboração de imagens já cristalizadas pela sociedade coiteense, a pesquisa busca perceber quais representações dos negros e das negras estão sendo construídas neste concurso. Os/as participantes entrevistados/as consideram como um privilégio e expressam certo sentimento de orgulho por ser um/uma dos/as escolhidos/as para representar a beleza negra. Para os/as que participaram do concurso, ser representante da denominada beleza negra significa estar satisfeito com a sua cor, é a pessoa se reconhecer e ser reconhecido/a como negro/a.

... assim depois que eu fui beleza negra muitas pessoas me chamavam e tal para me apresentar em outros lugares, eu acho que isso é reconhecimento, que nem todas pessoas comuns tem sido privilegiada como nós, eu acho que depois desse projeto, desse desfile do beleza negra eu fui mais reconhecido na cidade (participante, sexo masculino).

... o último evento que teve foi casa cheia e isso é um valor insubestimável você quando ta no início da passarela e vê várias pessoas gritando o seu nome, gritando por você, nossa é uma emoção difícil de explicar (participante, sexo masculino).

A partir destas falas pode-se inferir que a ideia do que é ser reconhecido e reconhecer-se como o jeito negro de ser ainda não caminha em uma perspectiva que leve à recriação de novas representações. No pensar dos/as participantes do concurso Beleza Negra, a ideia presente de reconhecimento é o fato de ter se tornado mais conhecido, mais popular diante das pessoas da cidade, e não a ideia de ser reconhecido pelo seu jeito de ser diferente, por externar a cor da pele negra e o cabelo crespo. A reinvenção dos símbolos da africanidade ressignificada, que confira orgulho e beleza ao povo negro ainda não foi reinscrita; o que há é o deslumbramento. Assim, de acordo com Romilson da Silva Souza (2011), “as representações são produzidas por um sistema simbólico, que produz e socializa valores e referências que circulam em espaços sociais” (p. 258), possibilitando a construção e reconstrução das representações sociais, a partir da organização de elementos como imagens, histórias e linguagens coletadas de atos e situações que são comuns aos indivíduos.

Em outra fala uma participante percebe o evento Beleza Negra como um importante espaço de reinvenção da sua imagem e da sua auto-estima. De acordo com ela, após a sua participação no concurso ocorreu uma mudança significativa na sua maneira de ver a si própria, já que até então *eu era conhecida como a neguinha do cabelo duro, neguinha que na escola não podia ter bons amigos*, era assim que encarava a sua condição antes do concurso e por isso não gostava muito de se expor. Estimulada por professores, se inscreveu no concurso sem, no entanto, levar muito a sério. Mas ao encontrar-se no palco e ouvir as pessoas aplaudindo-a e chamando-a por seu apelido *Negona* percebeu em si um novo sentimento, *e quando eu ganhei o beleza negra o pessoal começou a me enxergar com outros olhos, não era mais a neguinha, era diferente*, sentindo assim o orgulho de se reconhecer negra e por isso hoje faz questão de ser orgulhosamente reconhecida como pertencendo a um povo: o negro. Em sua fala diz que

... o beleza negra mudou a minha vida cem por cento, hoje eu faço questão que a sociedade me chame como negra, faço questão que o pessoal me chame assim Negona, negócio de morena não acenta não, o beleza negra mostrou que o preconceito tava junto de mim, primeiro de mim depois do pessoal da rua (participante, sexo feminino).

No entender dessa candidata, a exaltação do belo na festa da Beleza Negra serviu para resgatar os valores estéticos dos/as negros/as e as expressões da cultura afro-

descendente, através da dança, música, expressões do corpo, dando-se assim, de certo modo, a reversão de uma imagem interna negativamente cristalizada. Para essa candidata foi no palco do evento que se deu a criação de uma nova imagem de si. Neste caso a estética através do chamado estilo afro passou a ser um dos componentes para afirmação da sua identidade enquanto negra, favorecendo a reconstrução de representações positivas de si própria. Ocorreu dessa maneira uma valorização do corpo negro, antes carregada de uma africanidade considerada como negativa e atrasada, associada à feiúra, agora ressignificada.

Neste contexto é interessante expor o que estes indivíduos pensam sobre a questão da estética corporal negra em um país que, apesar da miscigenação racial e cultural, ainda se apóia em um imaginário que prioriza um ideal de beleza europeia e branca. Uma das participantes coloca que, ao expressar o desejo de alisar o cabelo, a sua mãe tenta dissuadi-la da ideia argumentando que *você é negra, tem que aceitar isso*. Partindo da reflexão feita por Denise Jodelet (2001), compreende-se que as representações sociais funcionam como elemento que regula a relação do indivíduo com o outro e orienta o comportamento desses, influenciando na construção de identidades pessoais e sociais. Assim, as formas como o corpo e o cabelo são vistos pelo/a negro/a e pelos outros pode influenciar na criação da identidade e na representação de si mesmo.

O Beleza Negra se configura como um espaço em Conceição do Coité que possibilita suscitar reflexões acerca da construção de representações envolvendo a estética: corpo e cabelo negros, visando perceber qual é o ideal de beleza que está sendo construído ou reconstruído, ou seja, quais representações de beleza este espaço está reelaborando. Na fala dos/as participantes, quando questionados/as sobre o que consideram beleza negra, deixam evidente a compreensão de como sendo algo subjetivo, pois acreditam que cada pessoa tem uma forma de enxergar o belo, que o ideal não seria dar um nome à beleza (negra, branca, asiática), que atribuir valor ou um adjetivo ao estético (beleza) acaba-se incorrendo no risco da prática de uma versão de preconceito velado. Os/as entrevistados/as acreditam que o importante é que cada um enxergue a beleza em si próprio, pois beleza não tem cor. De acordo com suas falas,

Se eu enxergo que sou beleza negra e que sou bela, ninguém pode tirar isso de mim não... a beleza está nos olhos de quem vê, não importa se é branca, amarela, vermelho ou roxo (participante, sexo feminino).

Beleza negra é a pessoa ser satisfeito com sua própria cor, a pessoa ter vontade de ser reconhecido como negro, eu acho assim... (participante, sexo masculino).

Sabe-se que beleza é um termo carregado de símbolos, significados, ideologias e é também um elemento cultural. Conforme as falas acima o enxergar-se belo passa por um processo de conscientização de si, mas passa também pelo olhar e pela percepção do outro. Dessa forma “os valores da beleza são projetados pelo observador e estão imersos em sistemas de classificação que determinam o que é bom ou ruim, o que é feio ou belo” (PINHO, 2004, p.120-121). A partir do exposto acima vale ressaltar que o concurso da Beleza Negra em Conceição do Coité elege um casal para representar durante um ano a beleza negra e que, para estar naquele dia concorrendo com outros/as candidatos/as, passaram por uma seleção em que são mensurados no projeto critérios como: idade, traços tipicamente negros (ou afro-descendentes) e aceitação da negritude como sua personalidade.

O evento Beleza Negra em Conceição do Coité tem em sua organização uma proposta diferente dos demais concursos de beleza: todos/as os/as participantes independente de figurarem como os primeiros colocados ou não, recebem brindes. Segundo um/uma dos/as entrevistados/as este diferencial tem o objetivo de fazer com que cada participante se sinta valorizado e seja imbuído de um sentimento de igualdade, uma vez que há a crença de se dispensar o mesmo tratamento a todos/as os/as candidatos/as. Entretanto, ao mesmo tempo em que o concurso tenta desconstruir a ideia de um padrão de beleza, ele acaba tendo que eleger um casal vencedor que se enquadre em um perfil de beleza idealizado pelo projeto Consciência Negra e pela comissão julgadora. Ambos, ao se basearem em critérios que valorizam a estética corporal do/a negro/a coiteense, contribuem para a instituição de novos padrões de beleza que portanto pode incluir e excluir.

No que diz respeito ao objetivo do concurso alguns candidatos/as se sentem contemplados e afirmam que o evento Beleza Negra oportuniza representar a cor negra, assim como também mostrar os valores representativos da cultura afro-descendente em outras localidades. Há, contudo candidatos/as que não percebem ainda uma mudança, mas acreditam que a continuidade do concurso possa resultar em mudanças. Há ainda aqueles/as que consideram que o objetivo do evento foi de fato alcançado, uma vez que após a sua participação no concurso transpôs as barreiras do preconceito e passou a sentir orgulho da sua cor, assumindo a sua negritude, como mostra a fala de alguns/umas participantes.

... nós podemos alcançar todos os objetivos também como as outras pessoas alcançam de diferentes classes sociais raça ou cor (participante, sexo masculino).

... prá mim foi alcançado porque foi resgatado algo que estava lá dentro tava preso tava com vergonha de se amostrar e o beleza negra resgatou... hoje me considero uma pessoa melhor... (participante, sexo feminino).

Com base nas falas observa-se maneiras distintas entre os/as candidatos/as de compreender de que forma o objetivo do Beleza Negra em Coité está sendo alcançado. De modo geral os/as participantes fazem uma reflexão atentando-se apenas para as mudanças ocorridas em sua vida particular, pois se referem às realizações ou conquistas de forma individualizada: alguns se tornaram mais reconhecidos na cidade; outros foram convidados para se apresentar em outras localidades; houve maior oportunidade de emprego e houve também quem assumiu a sua negritude. Analisando as falas, fica evidente que de certo modo o evento promoveu mudanças na vida dos sujeitos entrevistados, no entanto não foi possível perceber a ocorrência de transformações das representações do negro até então instituídas, que provocasse mudanças no seio da comunidade coiteense.

Considerações finais

Mais que uma simples relação de trabalho, a existência da mão de obra escrava africana fixou um conjunto de valores que marcou diversos aspectos da cultura e da sociedade brasileira. Como a exemplo do preconceito racial e social construídos durante o longo processo histórico. Com a abolição da escravidão, a vida dos ex-escravos continuou difícil, uma vez que o Estado brasileiro não se preparou para oferecer condições mínimas para que os/as negros/as pudessem sobreviver dignamente. Os estudos deixam evidente que em muitos momentos, os ex-escravos tiveram que se esforçar bastante para se afirmar como pessoas livres e, principalmente, para lutar contra a presunção de que ainda poderiam ser tratados segundo os padrões escravistas. Assim, o antigo escravo que resistiu ao sistema escravista procurava, agora livre dele, lutar pelo seu lugar na sociedade.

Ao longo da história o movimento negro se articulou e se organizou para lutar contra a discriminação racial e a favor dos direitos sociais, políticos, econômicos e culturais do povo negro. É interessante destacar que o movimento negro em seu histórico de lutas e reivindicações muito se esforçou para que a população negra tivesse acesso a uma educação que contemplasse o processo civilizatório e fosse também desenvolvida a identidade e a auto-estima negra. Nesta perspectiva, muitas entidades negras funcionaram como pano de fundo e muito colaboraram no processo de construção das identidades e cidadania do povo negro.

Historicamente, a partir de um processo de branqueamento, o padrão de beleza passa pela preferência por um modelo branco, sendo almejado pela grande maioria em detrimento da valorização da beleza relativa ao povo negro, considerada diferente e feia. Entretanto, as mudanças dos padrões corporais, as maneiras de tratar o corpo e o cuidado com a aparência ao longo do tempo são conseqüências, das transformações dos conceitos relacionados à beleza construídos e reconstruídos pelas experiências históricas e sociais dos indivíduos.

O evento Beleza Negra que acontece em Conceição do Coité na Bahia desde o ano de 2002 faz parte de um projeto denominado de Consciência Negra, que tem como objetivo refletir sobre a pluralidade étnica brasileira através da cultura negra, estimulando a auto-estima dos/as negros(as) e possibilitando a esses a percepção dos reais valores que possuem sem, assim, entender-se como inferiores ou excluídos.

Foi neste sentido que este trabalho buscou perceber quais representações da negra e do negro o evento Beleza Negra em Conceição do Coité ajuda a construir. Analisando as entrevistas ficou evidente que o anseio dos/as participantes dialoga com o objetivo proposto pelo projeto Consciência Negra que promove o concurso: a valorização da “cultura negra” e do próprio indivíduo de cor negra coiteense. Deste modo, alguns/umas entrevistados/as consideram que estar satisfeito com a sua cor é se reconhecer e ser reconhecido como negro/a. Há aqueles/as que entendem que a sua participação no concurso Beleza Negra possibilitou a reinvenção da sua imagem e da sua auto-estima e a partir de então se sente como pertencendo a um povo: o negro.

No entender de alguns/umas candidatos/as, a exaltação do belo na festa do Beleza Negra serviu para resgatar os valores estéticos dos/as negros/as e as expressões da cultura afro-descendente. Os/As entrevistados/as, em relação ao conceito de beleza compreendem-na como algo subjetivo, beleza não tem nome nem cor, o importante é que cada pessoa enxergue a beleza presente em si mesmo.

Esta pesquisa se fez importante, pois pode contribuir para que os sujeitos envolvidos no projeto Consciência Negra de Conceição do Coité possam refletir e perceber quais representações sociais do negro e da negra estão sendo construídas no evento Beleza Negra coiteense.

Este é apenas um estudo inicial, pois durante o processo de desenvolvimento da pesquisa outras questões foram surgindo, porém, por não se tratar da proposta no momento, estas não foram contempladas neste estudo. Entretanto, a partir deste, novas pesquisas poderão ser realizadas, possibilitando outras reflexões envolvendo a temática.

A partir das análises e considerações feitas a pesquisa se faz pertinente, pois pode contribuir para que os sujeitos envolvidos no projeto Consciência Negra coiteense possam refletir e perceber quais representações sociais do/a negro/a estão sendo construídas no evento Beleza Negra.

Este é apenas um estudo inicial, pois durante o processo de desenvolvimento desta pesquisa outras questões foram surgindo, embora não fosse o propósito do momento. Porém, a partir deste estudo, novas pesquisas poderão ser realizadas, possibilitando outras reflexões que envolvam a temática.

Referências

CAVALLEIRO, Eliane. Valores civilizatórios: dimensões históricas para uma educação anti-racista. In: **Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2006.

FRAGA FILHO, Walter, **Encruzilhadas da liberdade: histórias de escravos e libertos na Bahia (1870-1910)**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2006.

GOMES, Nilma Lino. **Trajétórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de esterótipos ou ressignificação cultural?** Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782002000300004 acesso em 05.11.2012.

JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: **As representações sociais**. Trad.: Lilian Ulup. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

MATTOS, Ivanilde Guedes de. **A negação do corpo negro: representações sobre o corpo no ensino da Educação Física**. Dissertação de Mestrado. Salvador: UNEB, 2007.

MOSCOVICI, Serge. O fenômeno das representações sociais. In: **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Trad.: Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MUNANGA, Kabengele e GOMES, Nilma Lino. **Para entender o negro no Brasil de hoje: história, realidades, problemas e caminhos**. São Paulo: Global: Ação Educativa, Assessoria, Pesquisa e Informação, 2006.

MENEZES, Jaci Maria Ferraz de. Educação e trajetórias de negros na Bahia: inclusão, exclusão e resistência. In: AMORIM, Antonio, LIMA JR. Arnaud Soares de, MENEZES, Jaci Maria Ferraz de. (orgs.). **Educação e contemporaneidade: processos e metamorfoses**. Rio de Janeiro: Quartet. 2009.

PINHO, Patrícia de Santana. **Reinvenções da África na Bahia**. São Paulo: Annablume, 2004.

REIS, João José e SILVA, Eduardo. **Negociação e conflito:** a resistência negra no Brasil escravocrata. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

SANTOS, Sales Augusto dos. A Lei nº 10.639/03 como fruto da luta anti-racista do Movimento Negro. In: **Educação anti-racista:** caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

SCHWARTZ, Rosana. **Imagem corporal:** corpo, beleza e relações de poder. Disponível em: <http://rosanaschwartz.blogspot.com.br/2011/01/imagem-corporal-corpo-beleza-e-relacoes.html> acesso em 05.11.2012.

SCHWARTZ, Stuart B. **Escravos, roceiros e rebeldes.** Bauru, SP: EDUSC, 2001.

SILVA, Ana Celia da. MOVIMENTO NEGRO BRASILEIRO e sua trajetória para a inclusão da diversidade étnico-racial. In: **Revista da FAEBA** – Educação e Contemporaneidade. Salvador: v. 11, n 17, jan/jun, 2002.

SOUZA, Romilson da Silva. Representação social e relações etnicorraciais: da representação ao racismo. In: ORNELLAS, Maria de Lourdes Soares (org.). **Representações sociais:** letras imagéticas. Salvador: Quarteto, 2011.